

SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL LANÇA NOVOS MANUAIS DA LRF



No dia 14 de dezembro de 2001 a Secretaria do Tesouro Nacional editou as portarias de número 559 e 560 que instituem os novos manuais para a elaboração dos relatórios previstos na Lei de Responsabilidade Fiscal. Os novos modelos devem ser utilizados para todas as publicações do exercício de 2002 e revogam aqueles editados anteriormente. De acordo com o texto de apresentação dos manuais, a mudança incorpora algumas sugestões para uma melhor padronização. A principal novidade é que agora são dois manuais diferentes para qualquer entidade da Federação: o de elaboração do Relatório Resumido da Execução Orçamentária, contendo 17 anexos, e o de elaboração do Relatório de Gestão Fiscal com oito anexos. O manual também prevê que o relatório de gestão fiscal consolidando os poderes poderá ser publicado até 15 dias depois da data de publicação do relatório de cada poder. Com isso, o Executivo terá 45 dias após o término de cada quadrimestre para divulgar o relatório de gestão fiscal consolidado. Além das alterações na forma de alguns anexos, foram criados ainda alguns relatórios novos. Um deles é o Demonstrativo dos Limites, no qual são listados todos os limites previstos na Lei, com seus respectivos gastos e percentuais alcançados pela gestão no período. Outra novidade, polêmica, é a inclusão no relatório de execução orçamentária dos anexos que tratam dos gastos com a manutenção e desenvolvimento do ensino e dos gastos com a saúde, que para muitos são passíveis de discussão, uma vez que os gastos com tais despesas não estão previstos na Lei de Responsabilidade Fiscal.



Graças e desgraças do Leão

Livro bem-humorado reúne 171 histórias de fiscais da Receita Federal recolhidas pela ex-auditadora do órgão Maria Eugênia Sahagoff. A idéia da autora foi "humanizar o universo de trabalho do fiscal, este inimigo ou mal-amado como é conhecido no imaginário popular".

EDITORIAL

Audidores: práticas inadequadas e responsabilidades...

Lino Martins da Silva

O escândalo da Enron e o envolvimento dos auditores responsáveis fazem lembrar a definição de que "um auditor típico é um senhor de mais ou menos meia idade, sóbrio, enrugado, inteligente, frio, passivo, sem compromissos sérios, com olhos de bacalhau, cortez em seus contatos, porém ao mesmo tempo carente de respostas, frio, calmo e esticado como poste de concreto, ou uma placa de gesso, uma petrificação humana com coração de feldspato, sem o encanto do instinto da amizade, despojado de entranhas, paixão, ou sentido de humor. Infelizmente não se reproduzem e todos eles, finalmente, vão para o inferno".

Exageros à parte, o episódio vivido ultimamente pelos auditores da Enron mostra que ninguém fica impune quando quebra a rigidez grotesca da definição anterior, principalmente porque a percepção do cidadão como destinatário final é de que as empresas de auditoria devem fiscalizar as suas contratantes e denunciar publicamente em seus pareceres e laudos - quando for o caso - todos os expedientes e artifícios utilizados pelas empresas auditadas para ludibriar acionistas, fornecedores, funcionários, clientes e autorizadas. A realidade, entretanto, é que o papel dos auditores ainda não foi devidamente aprofundado porque "alguns" clientes procuram comprar seus serviços menos para examinar o que está errado e mais para verificar o que está correto, segundo as normas vigentes no processo de negócio em que atuam. Trata-se, portanto, de relações privadas que acrescidas ao fato das normas do exercício profissional decorrerem da auto-regulamentação profissional levam, no extremo, a situações de autoproteção e de corporativismo indesejável, com o esquecimento - por parte dos profissionais de auditoria - que na outra ponta estão investidores minoritários (ou mini-ótários) que por não ter assento na direção das empresas precisam ter a garantia de uma auditoria responsável e de qualidade.

Felizmente, neste triste episódio ocorrido nos EUA, estamos verificando grande movimentação de todos os responsáveis (principalmente dos Governos) no sentido de estabelecer limites da auto-regulamentação. A prática tem revelado que a auto-regulamentação não tem sido eficaz no sentido de fazer com que as empresas de auditoria mantenham o equilíbrio na medida necessária. No caso Enron, a destruição de papéis de trabalho ao que parece teve como objetivo beneficiar determinado grupo em detrimento dos acionistas em geral, culminando por prejudicar os auditores e revelando, mais uma vez, que em matéria de auditoria e controles a corrupção e as fraudes estão sempre relacionadas a falhas da auto-regulamentação.

Recente matéria publicada no jornal Le Figaro Economie esclarece que a contabilidade é um pouco como a patinação artística. Existe o programa tradicional - que é técnico e rigoroso em sua evolução, sem espaço para nenhuma ousadia - e existem os programas artísticos, baseados em interpretações pessoais e que representam um verdadeiro exercício para os artistas.

As revelações do escândalo da Enron confirmam que os atores do processo tinham uma clara preferência pela segunda opção, acompanhada da tendência dos mercados em caso de euforia de lucros avantajados, de "esquecerem" os rigores da ética e das práticas tradicionais e, em conseqüência, deixarem muitas vezes de informar ao mercado sobre detalhes de certas operações, como a consolidação de empresas mantidas em paraísos fiscais. Tais práticas mostram, infelizmente, que ainda existem maus profissionais, "habilidosos" na arte de fazer com que pareçam corretas operações que na essência estão erradas. Enquanto isso, excelentes auditores são "punidos" com a perda da clientela e a redução do faturamento, em muitos casos comprometendo a continuidade da prestação de serviços.

O setor público tem sido vítima dessas práticas, em que prestadores de serviço, quando consultados previamente sobre os preços praticados, superavaliam os honorários, forçando o governo a lançar a estimativa da licitação por valores extravagantes. Posteriormente, esses mesmos licitantes participam do certame com valores sub-avaliados tornando a administração refém desse procedimento comercialmente antiético.

Após este escândalo é de se esperar que os auditores passem a ser responsáveis pelas práticas das empresas contratantes, devendo ainda ser identificados mecanismos que possibilitem a sua proteção não só das pressões dos clientes como também da concorrência desleal. Nesse sentido, caberia aos órgãos reguladores questionar a razão da troca de auditores antes do prazo determinado para rodízio.

De qualquer modo é preciso que os auditores pensem sempre na frase de Michael Comer: "a essência de qualquer fraude bem-sucedida é que as pessoas honradas não suspeitem: o mal triunfa quando a gente de bem não atua."

ENTREVISTA

Entrevista com Edgard Pedreira de Cerqueira Neto, presidente da Grifo Enterprises



Edgard Pedreira de Cerqueira Neto começou a carreira de empreendedor voltado para a área de qualidade e gestão depois de mais de vinte anos na carreira militar. Também trabalhou sete anos na Petrobras e 12 anos como professor visitante na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente dedica-se às tarefas de principal executivo da Grifo Enterprises. Nesta entrevista, trata de um assunto que ainda constitui novidade para muitos no Brasil: Balanced Scorecard.

Pre\$tando Conta\$ - Professor, o Sr. pode iniciar com uma apresentação da sua formação acadêmica e experiência profissional?

EDGARD CERQUEIRA - Sou um profissional com 60 anos de idade, pai de sete filhos e três netos. Passei a minha vida trabalhando com pessoas, com gestão de pessoas. Sou graduado em Filosofia e em Física pela antiga UEG, hoje UERJ, e em Engenharia Química pelo Instituto Militar de Engenharia (IME). Cursei o mestrado no Centro de Projetos de Pesquisas Físicas, tenho doutorado em Físico-Química e pós-doutorado na área de gestão e estratégia, com passagem por alguns cursos de especialização nos Estados Unidos, no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Trabalhei, e ainda trabalho, com empresários e com universitários, orientando teses de mestrado e doutorado -até agora participei da formação de 10 doutores e de mais de 40 mestres. Por isso digo que a minha vida toda foi ligada a gente, ajudando gente e trabalhando com instrução, sempre preocupado com a melhoria de desempenho, em fazer com que as organizações alcancem níveis nunca alcançados, o que chamamos de desempenho superior. Nesse ponto, apesar de ter vindo da área de Ciências, acabei trocando cargas e massas por gente, mas aplicando as mesmas leis.

Pre\$tando Conta\$ - E como começou o seu interesse com a área de administração?

EDGARD CERQUEIRA - Por volta de 1980 tive a oportunidade de trabalhar no desenvolvimento da Bacia de Campos, primeiro como chefe da Divisão de Química e depois como chefe da Divisão de Ensino da Petrobrás. Assim surgiu a oportunidade de lidar com aspectos ligados à gestão de negócios. Como o trabalho na Petrobrás foi desafiador e inovador, acabei entrando em contato com as ferramentas gerenciais mais modernas. Aposentei-me pela Petrobrás e montei minha própria empresa, que hoje tem cerca de 15 anos no mercado, com foco no aspecto da competência decisória do conhecimento e operando em linhas não-diretivas com as empresas, buscando a melhoria no seu desempenho do ponto de vista financeiro e não-financeiro. Naturalmente fomos levados a estabelecer algumas parcerias internacionais. Assim, mantemos hoje uma boa relação com professores universitários americanos: levamos executivos para universidades e, nesta interação que acontece duas ou três vezes ao ano, acabei tomando conhecimento de novas ferramentas de administração. Com o Balanced Scorecard, por exemplo, trabalho desde 1996.

Pre\$tando Conta\$ - A sua experiência profissional é rica e abrange áreas distintas do conhecimento, envolvendo inclusive a aplicação de recursos da Física - como o Sr. diz - na relação com as pessoas, um trabalho de Recursos Humanos.

EDGARD CERQUEIRA - Já temos cerca de oito projetos concluídos no Brasil e atualmente estou escrevendo

um livro para a editora Saraiva cujo título é Desempenho Superior - uma abordagem além do Balanced Scorecard, no qual defendo que o valor da ferramenta está no que se faz antes, durante e depois de usá-la. O livro deve estar pronto neste início de 2002 e tem a co-autoria do Professor Idalberto Chiavenato, o maior autor em língua portuguesa no campo da Administração.

Pre\$tando Conta\$ - O que é exatamente o Balanced Scorecard? Com o que ele lida?

EDGARD CERQUEIRA - O Balanced Scorecard surgiu no final da década de 1980 e início da de 1990. As empresas do mundo estavam preocupadas em estabelecer indicadores de desempenho em nível de estratégia da administração superior. Nos Estados Unidos, professores e profissionais da KPMG juntaram-se a outras doze empresas para estudar o assunto. Desse modo entraram em contato com o que chamamos de painel de indicadores, salas de navegação estratégica com indicadores de desempenho. A partir dessa observação criaram um modelo que, em 1990/1992, estava baseado em estabelecer tais indicadores. O primeiro artigo foi publicado em 1992: o texto correu o mundo e muitas empresas começaram a praticar e a criar painéis de indicadores na área de estratégia das organizações. O uso continuado da ferramenta, porém, demonstrou que ela não serve apenas para construir painel de indicadores: trata-se de um recurso de construção de sistemas de gestão estratégica.

Pre\$tando Conta\$ - Existe uma tradução em português para o termo Balanced Scorecard?

EDGARD CERQUEIRA - Para nós, a tradução de Balanced Scorecard seria "sistema de gestão estratégica", não tem nada a ver com a palavra inglesa. Trata-se de um sistema de gestão construído dentro de um cenário balanceado de indicadores, daí o nome. Uma tradução mais literal seria "cenário balanceado", mas balanceado para quê? Para que possamos através do uso da ferramenta construir um sistema de gestão estratégica. E o que é um sistema de gestão estratégica? É definir uma série de objetivos estratégicos, fazer com que os objetivos se desdobrem até chegar à pessoa mais simples que vai aplicar aquilo, até chegar à ação, à tarefa. Esta é uma ferramenta fácil de mobilizar lideranças para o sucesso do futuro, mobilizar lideranças futuras. O Balanced Scorecard também é chamado o "caminho do lucro", lucro como consequência, que não é só dinheiro, mas consequência de uma série de coisas que se faz. Trata-se, enfim, de uma ferramenta construída por várias mãos, por uma equipe que hoje em dia mantém uma empresa nos Estados Unidos dedicada apenas ao tema e que surgiu como resultado de todo esse processo que acabo de descrever.

ENTREVISTA

Entrevista com Edgard Pedreira de Cerqueira Neto, presidente da Grifo Enterprises

Pre\$tando Conta\$ - Qual é a sua opinião sobre essa nova ferramenta para administração e gestão?

EDGARD CERQUEIRA - Se me perguntar se é um modismo, vou dizer que sim. É muito interessante pela genialidade dos seus criadores, pelo trabalho em equipe, como reengenharia, etc. Mas trata-se de um modismo. Nem todas as empresas estão preparadas para o Balanced Scorecard. Para aquelas que estão preparadas, a previsão é de muito sucesso. Há uma estatística mundial que indica que, de cada dez projetos em andamento, só um está dando certo. Mas se considerarmos o número de empresas que está fazendo isto é muito grande, teremos uma grande taxa de sucesso. Entre as mil empresas que estão aplicando esse recurso, digamos que em cem empresas esteja dando certo: podemos aprender como estas empresas fizeram, assimilar o aprendizado e aplicá-lo em outras.

Pre\$tando Conta\$ - Qual é a principal característica do Balanced Scorecard?

EDGARD CERQUEIRA - O Balanced Scorecard faz com que a estratégia entre em ação, leva a organização a ser focalizada na estratégia. Não se pode construir uma ação estratégica sem uma visão de futuro, sem a presença de uma liderança carismática que se comunique a partir de uma estratégia definida. O Balanced Scorecard começa com a vontade política de um grupo de pessoas visionárias direcionadas para uma estratégia, o que faz com que essa estratégia se desdobre até os níveis hierárquicos mais baixos de uma

determinada organização. De tal maneira que se alguém estiver fazendo alguma coisa num nível hierárquico mais baixo eu quero saber: "porque você está fazendo isto?" A resposta está no líder, na estratégia: existe uma ordem lógica para essas coisas acontecerem, baseadas em indicadores financeiros e indicadores não-financeiros, indicadores de tendência baseados na área financeira, no cliente externo, no processo interno de trabalho, no aprendizado das pessoas, no crescimento das organizações.

Pre\$tando Conta\$ - O Sr. veio à Controladoria para fazer uma palestra a uma platéia composta basicamente por servidores do Município. Isso é comum na sua atividade? O servidor da área pública já despertou para o uso dessa nova ferramenta de administração?

EDGARD CERQUEIRA - Sim, já. Esta é uma ferramenta que vale para uma organização com dez pessoas ou para outra com dez mil, seja ela pública ou privada, de pequeno ou grande porte, porque é uma ferramenta gerencial que fica presa à liderança. Onde houver um líder carismático que se comunique ela pode ser aplicada. É uma ferramenta que deve existir onde há estruturas mais permanentes. Tenho experiência de uma determinada organização estatal que, ao final de dois anos, entrou num processo de venda. Portanto, o trabalho que fiz nesse período foi praticamente perdido: entrou outra liderança no processo que tinha uma maneira de ver diferente, uma outra estratégia. Só não se perdeu tudo porque a organização tinha uma infra-estrutura que não mudaria da noite para o dia. O trabalho em si, o espírito do trabalho não foi perdido, mas os indicadores precisaram ser refeitos. Levamos quase oito meses para nos readaptarmos ao novo dono. No serviço público ela deve ser implantada não em nível político, mas num subconjunto de uma estrutura que seja mais homogênea. Na Prefeitura do Rio talvez tenhamos algumas empresas, alguns órgãos, onde exista essa liderança um pouco mais permanente em nível de trabalho, que não vai sair de hoje para amanhã: quando o momento político passar e entrar outro grupo político ela não se alterará tanto.

Pre\$tando Conta\$ - A continuidade administrativa, como o Sr. diz, é ponto fundamental. Existem experiências de sucesso em órgãos públicos no Brasil?

EDGARD CERQUEIRA - As minhas palestras passam uma massa de informações sobre o Balanced Scorecard ligadas em mobilização de lideranças do futuro, do lucro, para análise crítica, para excelência dentro de certos critérios. A Petrobrás está num processo bem adiantado de início de projeto; a Companhia Docenave fez isso; o atual governo do Ceará também tem pensado nisso, estou trabalhando no Porto de Mucuripe e começando a introduzir esses conceitos; o Ministério da Defesa começa a pensar em coisas deste tipo. Por questões ligadas aos critérios de excelência das empresas públicas, o governo federal entrega todo ano o prêmio da Fundação Nacional do Prêmio da Qualidade. Assim, as empresas públicas já estão começando a praticar, tanto que estão se candidatando ao prêmio. Por exemplo, quem ganhou o prêmio no ano passado foi uma unidade da Petrobrás no Nordeste. Nos Estados Unidos temos muitas experiências bem definidas, como na polícia de Nova York. Aqui no Brasil, há experiências no grupamento de socorro e emergência do Corpo de Bombeiros e na Secretaria de Defesa Civil no Rio de Janeiro, além do Arsenal da Marinha. São dados importantes porque mostram que não é uma ferramenta exclusiva da indústria: é uma ferramenta gerencial muito poderosa que leva as organizações a questionar seu desempenho e a buscar níveis mais elevados através de uma abordagem sistêmica centrada na liderança e na estratégia.

Pre\$tando Conta\$ - Qual sua expectativa ao falar para um grupo de servidores do município?

EDGARD CERQUEIRA - Estou aqui para colaborar, pois hoje em dia sou apenas um empresário, mas tenho uma responsabilidade para com esta sociedade onde a gente se perpetua. Tenho feito muitas palestras desse tipo, em que o dinheiro não entra, apenas para disseminar informações. O poder não está com quem tem a informação, mas com quem a dissemina. Ou seja: se você tem a capacidade de disseminar informação, então você é uma pessoa poderosa, mas se você não tem, então o seu poder é questionável. A competência que não se estabelece não existe. É isso: a gente vai criando o hábito de gerar competência e eu sou uma pessoa interessada em gente, gosto de gente.

Audidores mantêm fórum interno de discussão permanente



A necessidade de discutir de maneira contínua assuntos relativos à área de auditoria é o principal objetivo do "Falando de Auditoria", grupo interno formado pelos auditores da Controladoria Geral do Município. A idéia surgiu da necessidade de se criar um canal de discussão entre os técnicos que, por meio de pesquisas sobre a legislação e a bibliografia existentes sobre o assunto, mantêm a equipe atualizada sobre temas importantes para a sua rotina de trabalho.

De acordo com a auditora geral, Márcia Andréa Peres Suzano, a proposta surgiu para montar "um canal de comunicação permanente, de forma que todos participem. A nossa grande preocupação era essa: desenvolver um projeto do qual todos pudessem participar, porque se as pessoas não estiverem envolvidas não tem nenhuma utilidade". A partir de um calendário repassado para as três coordenadorias é elaborada uma agenda. Cada funcionário fica responsável, por um dia, da elaboração de uma pergunta e de uma resposta. Assim, todos da Auditoria Geral e os auditores internos participam do processo.

Atualmente, a divulgação dos temas em debate é feita via Lotus Notes, mas existe a perspectiva de publicação dos textos discutidos pela equipe, que até agosto de 2001 somavam 25. No início, a periodicidade de inserção de novos temas no "Falando de Auditoria" era diária, mas a própria natureza da atividade dos auditores - que demanda um volume razoável de trabalho externo - levou a equipe a fixar em três vezes por semana a inserção de dados, que hoje incluem perguntas e pesquisas de opinião.

As mensagens de divulgação são direcionadas para os auditores internos, os gerentes, os subgerentes, o controlador, o sub-controlador. Todo o material, porém, fica à disposição dos interessados no Banco de Dados de Divulgação, ao qual toda a CGM tem acesso. Márcia Andréa registra que, no final de 2001, uma pesquisa interna realizada junto a um grupo de auditores sobre as iniciativas que contribuíram para a melhoria no ambiente de trabalho mostrou que o resultado foi muito bom. "Todos os funcionários citaram o 'Falando de Auditoria' entre os pontos fortes da auditoria geral, mas como ponto fraco citaram também a periodicidade: muitos acreditam que três vezes por semana é um tempo curto demais, já que precisam de um período maior para estudar o material enviado". Como o objetivo é incentivar a equipe da auditoria a ler e estudar, o prazo será mais flexível, para que dessa forma aconteça verdadeiramente o intercâmbio de conhecimentos.

ESTANTE

O auditor da Receita e o imaginário popular



O mal-amado: graças e desgraças do Leão
Maria Eugenia Sahagoff
Cultura Editores Associados, 2001.
236 p.

Para escrever o livro *O mal-amado - graças e desgraças do leão*, a auditora da Receita Federal Maria Eugênia Sahagoff contou com a colaboração dos colegas de profissão. Enviou uma carta circular para vários auditores - incluindo os inativos - pedindo a todos que mandassem relatos cômicos ou dramáticos vivenciado por eles no cotidiano de trabalho. Reuniu 171 histórias e com elas fez um livro bem-humorado. "Minha finalidade era humanizar o universo de trabalho do fiscal, este inimigo ou mal-amado como é conhecido no imaginário popular. O resultado foi além do esperado. A maioria aplaudiu entusiasmada a iniciativa, como forma, inclusive, de preservar o nosso passado", conta Maria Eugênia.

Editado em São Paulo pela Cultura Editores Associados em outubro de 2001, o livro *O mal-amado - graças e desgraças do leão* tem 236 páginas de casos relatados com muito humor. Um deles é "Tamanduá-Bandeira", em que dois auditores trabalhando em Corumbá, em Mato Grosso do Sul, aproveitaram o dia de folga para conhecer Puerto Suárez, município boliviano que fica na fronteira com o estado. A pequena cidade estava em festa e o povo comemorava nas ruas com o desfile de um pelotão do exército. Os auditores repararam que a tropa boliviana, em sua maioria, marchava descalça e era desdentada. Dias depois, ao examinar algumas guias de exportação no arquivo da delegacia da Receita, um dos auditores constatou, espantado, uma remessa de 700 dúzias de pasta de dente para o exército boliviano em Puerto Suárez. Nunca ficou esclarecido o paradeiro dos 8.400 tubos de dentifrício...

A carta que mais sensibilizou Maria Eugênia, e que ocupou um lugar de destaque¹ em seu coração segundo palavras da própria autora, foi a de Antonio dos Santos, auditor de 88 anos que ingressou no serviço federal em 1945. No seu relato ele diz: "para chegar onde estou, tive que fazer vários testes e um concurso em São Paulo; tive sempre uma vida modesta e continuo a viver modestamente para dar conta de minhas obrigações. Durante o tempo em que trabalhei na coletoria, procurei fazer o máximo, e graças a Deus meus chefes nunca me chamaram a atenção." Simples, direto e correto.

Em resumo, *O mal-amado* é uma homenagem aos fiscais de tributos, que "enfrentando perigos, intempéries e incompreensões cumprem sua tarefa com dedicação, entusiasmo e lealdade" como afirma o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, que fez o prefácio do livro. Pelo ineditismo do tema, é um livro que vale a leitura.

Secretaria do tesouro nacional lança novos manuais da LRF

Assim, os anexos em vigor do Relatório de Execução Orçamentária são os seguintes: Balanço Orçamentário; Demonstrativo da Execução das Despesas por Função e Sub-Função; Demonstrativo da Receita Corrente Líquida; Demonstrativo das Receitas e Despesas Previdenciárias do Regime Geral de Previdência Social da União; Demonstrativo das Receitas e Despesas Previdenciárias do Regime Próprio dos Servidores Públicos; Demonstrativo do Resultado Nominal; Demonstrativo do Resultado Primário dos Estados, Distrito Federal e Municípios; Demonstrativo do Resultado Primário da União; Demonstrativo dos Restos a Pagar por Poder e Órgão; Demonstrativo das Receitas e Despesas com Manutenção e Desenvolvimento do Ensino; Demonstrativo das Receitas de Operações de Crédito e Despesas de Capital; Demonstrativo da Projeção

Atuarial do Regime Geral de Previdência Social da União; Demonstrativo da Projeção Atuarial do Regime Próprio de Previdência Social dos Servidores Públicos; Demonstrativo da Receita de Alienação de Ativos e Aplicação dos Recursos; Demonstrativo das Despesas com Saúde da União; Demonstrativo da Receita Líquida de Impostos e das Despesas Próprias com Saúde dos Estados e Distrito Federal; e Demonstrativo da Receita de Impostos e das Despesas Próprias com Saúde dos Municípios.

Já os anexos do Relatório de Gestão Fiscal são: Demonstrativo da Despesa com Pessoal; Demonstrativo da Dívida Consolidada; Demonstrativo das Garantias e Contragarantias de Valores; Demonstrativo das Operações de Crédito; Demonstrativo da Disponibilidade de Caixa; Demonstrativo dos Restos a Pagar; Demonstrativo da Despesa com Serviços de Terceiros e Demonstrativo dos Limites.

Fraude contábil provoca alteração dos padrões de auditoria nos EUA

O escândalo envolvendo a contabilidade da Enron, até o final de 2001 a maior empresa distribuidora de energia nos Estados Unidos, produziu como um dos primeiros resultados o estudo de alterações nos padrões de auditoria americanos. Desde janeiro de 2002, o General Accounting Office (GAO), encarregado de assessorar o Congresso americano em assuntos de contabilidade e auditoria, abriu para discussão pública um capítulo específico do Yellow Book, publicação que rege as normas de auditoria nos Estados Unidos. O primeiro prazo para a discussão do novo capítulo relativo aos procedimentos padrões de auditoria nos EUA está previsto para durar até abril. A proposta é que, a partir de 2003, entrem em vigor os padrões revisados a serem seguidos por todos os auditores americanos. O principal objetivo é modernizar e dar maior consistência às atividades de auditoria.

Fundado em 1921 e com sede em Washington, o GAO é uma agência investigativa que trabalha para o Congresso americano produzindo informações sobre os gastos públicos do governo. Seus estudos servem como base para o trabalho legislativo, ao contribuir com sugestões aos principais membros do Executivo sobre os caminhos mais responsáveis a serem trilhados pelos diversos setores da administração pública, além de avaliar programas federais e expedir pareceres sobre assuntos da sua área de competência.

A Enron foi a principal responsável pela revisão nos padrões do GAO. A companhia figurava entre as maiores empresas do setor no mundo e pediu concordata no final do ano passado. Dez dias depois de anunciada a quebra do grupo foi divulgado o balanço da empresa, que apresentava uma dívida de US\$ 22 bilhões. A Arthur Andersen - quinta maior empresa de auditoria e consultoria do mundo e responsável por avaliar a contabilidade da Enron - foi indiciada pelo Departamento de Justiça americano. Na época ficou provado que a Andersen havia autorizado a destruição de papéis relacionados aos contratos de parcerias em prestações de serviço, utilizados pela Enron para esconder as dívidas e inflar os seus lucros.

Expediente:

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeito: Cesar Maia

Vice-Prefeito: Marco Antonio Vales

Controladoria Geral do Município

Controlador Geral: Lino Martins da Silva

Sub-controlador: Vinícius Viana

Assessoria de Comunicação

Assessora: Sonia Virgínia Moreira

Prestando Conta\$

Redação: Graça Louzada e Philippe Deschamps

Editoração: Inez Torres

Ilustração: Zope

Versão Online: Edgard Bernardino

